

---

## No princípio, o grande final

Todos sabem como ele morreu. Afora isso, nada sabem e talvez nada saibam de nada. Foi aí pelas três horas da tarde, mesma hora em que o Filho do Outro morreu, vinte séculos atrás. Francisco de Assis Rodano já anunciara que lançaria o Grande Desafio àquela mesma hora, naquele lugar e, sobretudo, naquela circunstância. Como o tempo passasse e a circunstância fosse mais ou menos banal em Rodeio — terra de tempestades —, o povo começara a murmurar contra Francisco de Assis Rodano, achando que, além de não cumprir a palavra, Francisco de Assis Rodano era um cagão.

Quando Francisco de Assis Rodano desconfiou que perdia a credibilidade, e, com ela, e ao mesmo tempo, o seu ofício, não teve outro jeito. Já anunciara diversas vezes o Grande Desafio que, por um motivo ou outro, nunca se realizava. Bem verdade que, dois anos passados, ele encenara uma espécie de ensaio geral do Grande Desafio, fez tudo o que havia prometido fazer, mas a circunstância não fora propícia, não caíra tempestade em Rodeio, apenas uma chuva rala e vagabunda que mal dera para molhar os campos e enlamear os caminhos. Ao contrário das chuvas habituais, não caíra um único raio — o que fora considerado um fato assombroso, pois em Rodeio caíam raios até mesmo sem necessidade de chuva ou temporal.

Um jornal do Rio chegara a mandar uma equipe de especialistas para saber as razões científicas, morais e sobrenaturais de tantos raios ao longo da acidentada existência de Rodeio. As opiniões se dividiram em várias correntes antagônicas, desde as que creditavam o fenômeno à grande concentração de minério de ferro nas entranhas da cidade — fato jamais

provado e simultaneamente jamais contestado — até a maldição lançada por um ancestral de Francisco de Assis Rodano, que ao surpreender a mulher copulando com um cavalo (uma corrente de opinião garantira que fora um jumento), exigiu dos céus um castigo condigno a tamanha iniquidade, sendo prontamente atendido com um raio que fulminou a mulher, o cavalo (ou o jumento) e o próprio ancestral de Francisco de Assis Rodano, responsável pela dinastia dos Rodano ao longo dos trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil.

De todas as opiniões, suposições, insinuações e convicções levantadas à época da pesquisa feita pelo jornal do Rio, sobrou a verdade resumida e aceita por todos, inclusive pelo jornal que a divulgou em manchete de oito colunas na página 5 de uma edição dominical que se esgotou rapidamente em Rodeio e vilas vizinhas: **RODEIO OCUPA O MESMO SÍTIO DE SODOMA E GOMORRA!**

Ninguém explicou como essa extravagância geográfica se tornou possível, nem foi preciso. Edificada ou não no mesmo lugar das antigas Sodoma e Gomorra, Rodeio continuou sendo o que era e sempre foi: uma vilazinha entre os dois maiores túneis que o engenheiro Paulo de Frontin abriu para instalar os já citados trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil no trecho que galgava a serra do Mar e se dirigia a Barra do Piraí, onde os ditos trilhos se bifurcavam, indo metade deles para São Paulo, atravessando o vale do Paraíba, e a outra metade indo para Minas Gerais, através da serra da Mantiqueira.

Rodeio era também vila famosa, entre as demais da região, pelo poder miraculoso da Bica do Dr. Sales, uma fonte de água rica em ferro, magnésio e outros sais minerais, água que gozava da fama de curar cobreiro, espinhela caída e impotência sexual. Havia também a glória e os escândalos da Fábrica de Guarda-Chuvas Fiorini e da Indústria de Fogos de Artifício Picolino, que formavam a razão econômica e social do lugar.

Contudo, sua principal característica, a mais famosa e decantada nas vilas e povoados vizinhos, era a de ser a terra

dos Rodano, embora só existisse um à época dessa história. Além da qualidade suplementar de atrair raios do céu — com ou sem tempestade nos horizontes locais.

Pois juntando todos esses ingredientes, históricos ou não, deu-se o lance fundamental, o mais discutido da crônica de Rodeio desde a sua fundação: um Rodano (o próprio Francisco de Assis), depois de ter demonstrado que a Bica do Dr. Sales não era de nada, não curava cobreiro, espinhela caída e impotência sexual (na verdade, a Bica do Dr. Sales sempre fizera velada e às vezes ostensiva concorrência aos poderes do próprio Francisco de Assis Rodano), subiu ele ao morro Portugal — que não chegava a ser morro, apenas uma elevação no terreno e nunca ninguém soube nem procurou apurar por que tinha o nome de Portugal —, esperou que o temporal engrossasse e lançou o Grande Desafio, que se limitara ao formidável berro contra o céu de Rodeio, que naquele momento desabava sobre a Terra: “Ou Tu ou Eu!”.

Também nunca se chegou a um consenso sobre se o Grande Desafio se resumia nesse brado. Uma corrente de opinião garantia que Francisco de Assis Rodano teria dito: “O mundo é pequeno para nós dois!”, uma vez que Francisco de Assis Rodano acreditava e fizera os outros acreditarem que era o próprio Demônio disposto a ajustar contas milenares com o Outro.

De qualquer forma, todos estavam de acordo com o que ninguém viu mas todos tinham a certeza de ter visto: um raio caiu sobre Francisco de Assis Rodano, que estava vestido com a sua famosa capa preta, seu chapéu preto, suas formidáveis botas feitas com o couro do famigerado touro Papelão (que na realidade era um boi fugido ou roubado do Matadouro de Mendes), e, obviamente, com a sua Lança de Longinus — aquele centurião romano postado ao pé da cruz que trespassou o peito do Crucificado para ver se o Filho do Outro estava realmente morto.

A carga foi fulminante, a tal ponto que Francisco de Assis Rodano ficou reduzido, segundo alguns, a um tição enegrecido, segundo outros, a um punhado de cinzas, e, segundo

Corintho (com *th*) Fonseca, a nada mesmo, pois nada sobrou de Francisco de Assis Rodano, razão pela qual Corintho (com *th*) da Fonseca, que acumulava a função policial com a de escrivão juramentado do Cartório da Comarca de Vassouras (da qual Rodeio era distrito) e com a de principal colaborador do semanário *A Voz da Serra*, não teve fundamento jurídico para dar a competente baixa do nome de Francisco de Assis Rodano no Registro Civil.

Daí que Francisco de Assis Rodano, reduzido a tição, a cinzas ou a nada, continuou oficialmente vivo, tornando-se assim o único fantasma da história humana com existência comprovada e legal.